



Munir Bazzi*

* Médico. Professor do IIPC.
munir_bazzi@yahoo.com.br

Palavras-chave

Autoconceito
Competitividade
Despojamento
Insegurança

Keywords

Competitiveness
Detachment
Insecurity
Self-concept

Palabras-clave

Autoconcepto
Competitividad
Despojamiento
Inseguridad

Despojamento na Superação da Competitividade

Detachment to Overcome Competitiveness

Despojamiento en la Superación de la Competitividad

Resumo:

Este trabalho trata da competitividade, suas possíveis causas e as possibilidades de superação deste traço. Segundo a autopesquisa feita, corroborada por algumas heteroobservações, a competitividade, na maioria dos casos estudados, tem raízes na insegurança pessoal, e esta, por sua vez, pode ser proveniente de um autoconceito tráfarrístico. Neste trabalho, também é estudada uma reação consciencial imatura ao autoconceito tráfarrístico: o modelo mental hierárquico. A abordagem autoconsciencioterápica é mais eficiente quando voltada à causa (autoconceito), e não à consequência (competitividade). A tendência à competitividade foi observada também em outros(as) inversores(as) existenciais e, com base nisto, especula-se se a passagem recente do grupo evolutivo por organizações altamente hierarquizadas (clero, nobreza, exércitos, sociedades secretas e escolas iniciáticas) contribui para esta tendência, a partir de uma predisposição individual.

Abstract:

This work focus on competitiveness, its possible causes, and the possibilities to overcome this trait. According to the self-research done, corroborated by some hetero-observations, in most of the cases studied, competitiveness has its roots in personal insecurity, and this can come from a weak-trait self-concept. In this work, it is also studied an immature consciencial reaction to the weak-trait self-concept: the hierarchical mental model. The self-conscienciotherapeutic approach is more efficient when directed to the cause (self-concept), and not to the consequence (competitiveness). The tendency to competitiveness was also observed in other existential inverters, and based on this, it is speculated if the recent passage of the evolutionary group through highly hierarchical organizations (clergy, nobility, armies, secret societies and initiatic schools) contribute to this tendency, starting from an individual predisposition.

Resumen:

Este trabajo trata de la competitividad, sus posibles causas y las posibilidades de superación de este rasgo. Según la auto-investigación realizada, corroborada por algunas hetero-observaciones, la competitividad, en la mayoría de los casos estudiados, tiene raíces en la inseguridad personal y ésta, por su vez, puede ser proveniente de un autoconceito tráfarrístico. En este trabajo, también se estudia una reacción consciencial inmadura ante el autoconceito tráfarrístico: el modelo mental jerárquico. El abordaje autoconsciencioterápico es más eficiente cuando se direcciona para la causa (autoconceito) y no para la consecuencia (competitividad). La tendencia a la competitividad se observó también en otros(as) inversores(as) existenciais y con base en ello, se especula sobre si el reciente pasar del grupo evolutivo por organizaciones altamente jerárquicas (clero, nobleza, ejércitos, sociedades secretas y escuelas iniciáticas) contribuye para esta tendencia, a partir de una predisposición individual.

INTRODUÇÃO: CONTEXTO E MOTIVAÇÃO PARA A AUTOPESQUISA

A pesquisa sobre o traço da competitividade foi motivada pela observação, por parte do autor, de que certas situações de contato interpessoal desencadeavam sentimentos incômodos, tais como: mal-estar com o sucesso do outro, inveja (cotoveloma), insegurança e propensão à competição. Uma segunda observação foi de que tais situações eram mais comuns no contato com outros inversores existenciais, embora também pudessem ocorrer com quaisquer outras pessoas. No âmbito da casuística pessoal, a partir da troca de experiências com outros 4 inversores, chegou-se à conclusão de que a competitividade estava presente neste grupo, e que o fato de se conversar de modo despojado sobre o assunto ajudou a qualificar as relações interconscenciais.

Assim, cresceu a necessidade do autor de compreender melhor o traço da competitividade e as possíveis soluções para superá-lo, intensificando as pesquisas entre 2004 e início de 2005. A metodologia utilizada foi a análise autocrítica de vivências nas quais o traço se manifestava, testagem de técnicas e posturas de auto-superação, troca de informações com outros pesquisadores interessados no tema e consulta bibliográfica. A convivência em grupo, especialmente no voluntariado dentro de uma instituição conscienciocêntrica – o Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC) – serviu de *laboratório consciencial para o auto-enfrentamento* (VALENTE, 2003).

DELINEAMENTO DA PROBLEMÁTICA

A partir das observações feitas acima, surgiram as seguintes questões para aprofundamento da autopesquisa, referentes à competitividade:

1. Qual a origem da competitividade?
2. Em quais situações interpessoais este traço se manifesta? E por quê?
3. Por que é comum (na casuística pessoal) ocorrer no contato com outros inversores?
4. Quais as soluções para a superação do traço?

É importante deixar claro que estas questões não foram elaboradas desde o começo da autopesquisa. No início, o incômodo frente ao traço em estudo foi o primeiro motivador da análise aprofundada de algumas vivências e, *a posteriori*, no decorrer da pesquisa, foram se delineando com mais clareza as questões a serem trabalhadas a partir de uma abordagem racional.

ORIGENS DA COMPETITIVIDADE

A competitividade, ou postura de disputar, rivalizar, querer superar alguém, pode ter diversas motivações. Duas das mais comuns são:

1. Ganhar poder, prestígio, *status* ou visibilidade dentro de determinado grupo.
2. Diminuir a insegurança pessoal através da sensação de ser superior ao outro.

Há quem idealize ser superior aos demais e busque competir para defender ou reforçar esta idéia. Porém, na maioria dos casos pesquisados (auto e heteropesquisa), a competitividade tinha raízes no *autoconceito tráfariístico* e no sentimento de autodepreciação resultante. Ou seja, a primeira motivação acima exposta (obter poder) pode, na verdade, ter suas raízes na segunda (aplar a insegurança).

Diretamente associado ao autoconceito tráfariístico, foi identificado pelo autor um *modelo mental hierárquico*, ou seja, uma forma de classificar a si mesmo e às outras consciências segundo um referencial comparativo, a fim de lidar com a preocupação sobre superioridade/inferioridade nas relações. Estes tópicos serão aprofundados a seguir.

1. AUTOCONCEITO TRAFARÍSTICO

O autoconceito trafarístico é a premissa pessoal de se julgar inferior, incompetente ou incapaz diante da vida e das relações. O sentimento associado a este autoconceito é o de autodepreciação, ou seja, o sentimento de pouco valor que alguém tem por si mesmo. O diagnóstico deste autoconceito pode ser feito de diversas formas, por exemplo:

A. Observar se na autopenalidade são comuns *pensamentos automáticos* negativos sobre si mesmo (BECK, 1997).

B. Analisar a reação pessoal às heterocríticas, observando se elas sempre são motivo de fragilização pessoal (BAZZI, 2003).

C. Responder à seguinte questão, extraída do livro *Conscienciograma* (VIEIRA, 1996): “O que predomina em você: *sentimentos de inferioridade* ou *sentimentos de superioridade* ao tomar decisões graves e importantes?”

Do autoconceito trafarístico e do sentimento de autodepreciação resulta forte insegurança pessoal que distorce a percepção da realidade. Esta distorção faz com que o indivíduo tenda a ver os outros sempre com mais potencialidades do que a si próprio, surgindo a preocupação constante de se comparar com este referencial externo e a conseqüente sensação de ameaça nas relações interpessoais (SOARES, 2003). Tal ameaça nas relações pode ser entendida como medo de ver a autodepreciação reforçada pelo outro, através de rejeição afetiva ou de julgamento de incompetência, por exemplo. Frente a estas ameaças geradas pelo autoconceito, a consciência pode reagir de diversas formas, sendo que duas foram aqui estudadas:

A. Retrair-se, inibir-se, esquivar-se ou acanhar-se diante da vida, adotando a premissa de não se arriscar a piorar o que já está ruim.

B. Partir para a competição com outras consciências, visando aplacar a insegurança pessoal através do sentimento de superioridade em relação ao outro.

A mesma consciência pode alternar estas reações conforme o contexto. É comum recorrer à competição em situações nas quais avalia que há boas chances de vitória e optar pelo retraimento nos contextos novos e mais desafiadores.

2. MODELO MENTAL HIERÁRQUICO

O autoconceito trafarístico gera insegurança pessoal nas relações, tendência a ver os outros como superiores e ameaçadores e reações de retraimento ou competição. Um modo imaturo de lidar com estes problemas oriundos do autoconceito trafarístico é criar um sistema pessoal de classificação simplista das consciências, aqui chamado de modelo mental hierárquico. Tal modelo consiste em emitir um juízo comparativo sobre as outras consciências, ou seja, responder à questão: “Ele(a) é superior, parecido ou inferior a mim?”. Os critérios utilizados para emitir este julgamento são variáveis, desde observações acuradas sobre os traços alheios até distorções perceptivas que, como visto anteriormente, tendem a apontar a superioridade do outro. O resultado deste julgamento comparativo ou hierarquização das consciências pode predispor a atitudes específicas nas relações interconscienciais. A lógica observada entre o julgamento e a atitude, nos casos estudados, foi a seguinte:

A. Se o julgamento for de que o outro é superior, a atitude preponderante será a de submissão.

B. Se o julgamento for de que o outro é parecido, a atitude preponderante será a de competição.

C. Se o julgamento for de que o outro é inferior, a atitude preponderante será a de dominação.

Em resumo, o modelo mental hierárquico leva à submissão perante as consciências julgadas superiores, à competição com as consciências julgadas parecidas e à dominação sobre as consciências julgadas inferiores.

Este modelo é calcado na insegurança e no preconceito, seguindo na contramão do universalismo e do fraternismo. É válido deixar claro que o modelo foi identificado no âmbito de observações das manifestações do próprio autor e de pessoas próximas, sendo possivelmente um dentre muitos modelos mentais imaturos que as consciências podem utilizar para lidar com o autoconceito tráfarrístico.

SITUAÇÕES GERADORAS DE COMPETITIVIDADE

Quando o modelo mental é gerador de competitividade, em qualquer situação este traço pode se manifestar. Contudo, certos contextos acabam evidenciando o traço com mais clareza. Em geral, as situações de maior auto-exposição perante o grupo, nas quais algum tipo de desempenho pessoal é testado, foram as que mais se correlacionaram com a atitude competitiva do autor. Exemplos de tais situações:

01. Dar aulas em cursos ministrados por grupo de professores (competição entre professores).
02. Dar aulas para alunos antagonísticos (competição com alunos).
03. Condução de reuniões técnicas decisórias.
04. Coordenação de setores técnicos de voluntariado.
05. Coordenação de *Centro Educacional de Autopesquisa*.
06. Liderança em projetos institucionais.
07. Participação em debates científicos (competição de argumentos, erística).
08. Reivindicação de direitos e melhorias perante autoridades competentes.
09. Relação com autoridade (chefia) no ambiente profissional.
10. Visita formal a coordenador de outra instituição educacional.

A análise feita sobre estas situações foi a de que todas tinham em comum a testagem da competência, o que trazia à tona o autoconceito tráfarrístico gerador de insegurança pessoal e mobilizava as defesas pessoais imaturas, a partir do modelo mental hierárquico, buscando submissão, competição ou dominação frente ao outro. E quando “o outro” era um(a) inversor(a) existencial, a tendência à competição era mais acentuada. Uma das possíveis explicações para isto é de que a semelhança de idade, interesses, atuações e aspirações faz com que o outro inversor seja classificado como “parecido” no modelo mental hierárquico, mobilizando a atitude de competição correspondente. Adiante, outras possibilidades serão exploradas.

COMPETITIVIDADE ENTRE INVERSORES(AS)

A técnica da inversão existencial é o planejamento máximo da vida intrafísica fundamentado na Conscienciologia e Projeciologia, feito pela conscin jovem visando cumprir sua programação existencial (VIEIRA, 1994), e nada tem a ver com a competitividade. Quem *pode* ter a ver com a competitividade são as conscins que praticam a técnica. Logo, não se pretende aqui correlacionar a invéxis com competição, mas sim entender melhor por que alguns inversores tendem à competitividade entre si.

As predisposições individuais à competitividade devem ter inúmeras origens, nem todas correlacionadas aos mecanismos expostos anteriormente, embora nas heteroobservações do autor tenha havido predominância destes, quando discutida a questão com outros inversores que reconheciam a competitividade em si.

Uma suposição teórica será feita aqui, ainda não fundamentada por qualquer dado concreto, mas possível segundo deduções hipotéticas: a de que uma parte dos inversores existenciais deve ter passagem recente, em sua holobiografia, por organizações altamente hierarquizadas, propícias à competição dentro do grupo. Tal suposição é levantada com base em duas observações: a primeira, de que muitos inversores têm os atributos da liderança, comunicabilidade, intelectualidade e parapsiquismo desenvolvidos acima da média

da Socin. A segunda, de que o estudo da História mostra que as organizações onde tais atributos podem ter sido desenvolvidos nos últimos milênios, ainda que de maneira empírica e sem técnica em alguns casos, foram organizações sociais altamente hierarquizadas, dentre as quais o clero, a nobreza, exércitos, escolas iniciáticas e sociedades secretas. Estas organizações caracterizam-se pela existência de graus sucessivos de poderes e relações de subordinação entre os membros (VIEIRA, 2003). Mesmo em grupos menos hierarquizados, quais sejam sociedades científicas, filosóficas ou artísticas, há uma hierarquia implícita, segundo o reconhecimento, condecorações, prêmios e títulos auferidos pelos membros. Claro que as instituições citadas não facultavam o desenvolvimento de todos os atributos referidos, cada uma oferecia oportunidades específicas. Importa, nesta análise, que a maioria destes grupos possuía holopense forte influenciado pelo jogo do poder e pela busca de ascensão na estratificação hierárquica.

Aqui é válido destacar que a hierarquia evolutiva é fato natural e inevitável, e conviver com isto de modo maduro é o ideal. Tal hierarquia é evidenciada pela autoridade do nível evolutivo, explícito nas manifestações e na autopensividade das consciências (VIEIRA, 2003), sendo uma consequência da holomaturidade e não um fim em si.

Concluindo a suposição levantada, a tendência à competitividade entre alguns inversores pode estar relacionada à participação destes em organizações hierárquicas no passado recente, mantendo hoje o hábito de buscar ascensão, poder e prestígio no grupo. A manutenção de tal hábito provavelmente sofre a influência de condições intraconscientes (e. g., o autoconceito tráfástico), familiares (e. g., pais autoritários) e mesológicas em geral (e. g., contato com organizações hierarquizadas no presente, como colégios religiosos ou serviço militar obrigatório).

Na estrutura das Instituições Conscienciocêntricas atuais existem hierarquias funcionais que, embora úteis para organizar as atividades científicas e assistenciais, podem guardar alguma semelhança com as hierarquias imaturas do passado, estimulando um velho hábito de competir para se destacar dos semelhantes. Exemplos das competições imaturas entre inversores que podem ocorrer:

1. Ser o(a) autor(a) mais jovem, ou o(a) que mais publicou.
2. Ser o(a) professor(a) mais precoce.
3. Ser o epicon mais jovem.
4. Receber o reconhecimento dos conscienciólogos veteranos.

As idéias expostas acima são passíveis de inúmeras objeções e contra-argumentos, mas ficam propostas para o debate franco. Afinal, a competitividade entre inversores é incomum e restrita a consciências com este traço exacerbado ou é uma tendência mais ampla que precisa ser amadurecida e superada?

SUPERAÇÃO DA COMPETITIVIDADE

Uma vez que a competitividade pode ter raízes na insegurança, uma abordagem de superação desse traço é focalizar os esforços no fortalecimento da autoconfiança. O despojamento e a abordagem traforista têm sido duas posturas autoconsciencioterápicas eficazes na superação da competitividade e no fortalecimento da autoconfiança, expostas a seguir.

1. DESPOJAMENTO

Um primeiro método de fortalecimento da autoconfiança percebido nesta autopesquisa foi experimentar o despojamento em relação ao traço em estudo, aumentando a autoconscientização sobre as emoções correlacionadas à competitividade e expressando-as de modo deliberado, sem extremos patológicos. Em algumas situações, esta auto-exposição impôs-se como a alternativa cosmoética clara a ser posta em prática,

necessitando, no entanto, de desapego aos mecanismos habituais de funcionamento para ser efetivada. Em outras situações, houve o planejamento deliberado da auto-exposição e sua execução utilizando os princípios da assertividade. A seguir será feito um breve resumo de uma situação do primeiro tipo, ou seja, na qual a alternativa de auto-exposição surgiu de modo inesperado mas insofismável.

O autor foi escalado para dar um curso sobre pesquisa conscienciológica na cidade de Florianópolis, SC, junto com outro professor e um monitor, *ambos também inversores*. Pelo fato de ser a primeira vez que daria este curso na condição de professor-coordenador, e ainda em cidade diferente da sua, o autor teve seu autoconceito tráfariístico desafiado e experimentou sentimentos de insegurança frente à oportunidade evolutiva. Entrou em cena, então, o modelo mental hierárquico, produzindo a idéia rígida de que, na condição de professor-coordenador, cabia ao autor ser o principal agente do esclarecimento, inclusive do outro professor e do monitor, auxiliando a todos em suas questões intraconscenciais e assim tendo uma performance digna da sua posição. E o que saísse diferente disto seria uma ameaça. Contudo, chegando à capital catarinense o autor travou contato com o monitor do curso que lá residia, e nos primeiros 30 minutos de conversa houve franca divergência de opiniões, sendo que o monitor desferiu firmes heterocríticas às abordagens do “professor-coordenador” sobre autopesquisa. De imediato isto gerou no autor raiva e ímpeto de competição com o monitor, buscando derrubar seus argumentos. Estes, no entanto, eram sólidos e apresentados com intenção assistencial, ou seja, ocorria o inverso do planejado pelo autor: ao invés deste esclarecer a todos, era ele que recebia esclarecimentos e assistência logo no início. A situação era altamente incômoda, envolvendo um misto de irritação, frustração e vergonha. Houve, então, uma ruptura com o modelo mental hierárquico e com o autoconceito tráfariístico, iniciada na conclusão “Chega, eu não quero mais isto para mim”. A seguir, o autor expôs a seu colega tudo o que estava sentindo e os motivos, com imediato alívio da tensão íntima e melhoria do clima interconscencial.

Tal atitude ficou gravada como uma experiência reforçadora da autoconfiança, sendo referencial positivo que estimula outros despojamentos. Conquanto o autoconceito tráfariístico e o modelo mental hierárquico ainda estejam em fase de auto-superação, o acúmulo de outras vivências de despojamento pessoal nas relações tem sido muito útil, servindo inclusive de esclarecimento pelo exemplo a outros colegas. Despojar-se, que significa desfazer-se daquilo que cobre ou adorna, pode ser entendido como desfazer-se das autoconcepções antigas e cristalizadas sobre si e reconhecer a manifestação atual, deixando-a bem clara para si e para os outros.

2. ABORDAGEM TRAFORISTA

A mudança gradativa do autoconceito tráfariístico para o autoconceito realista-otimista vem sendo acelerada pela vivência de situações na qual sejam exercidos os trafores pessoais de modo a fortalecer a autoconfiança. Em diversas situações de auto-exposição dos traços pessoais, é importante abandonar “trilhas pensênicas” antigas, ou seja, seqüências automáticas de pensamentos e sentimentos condicionados e muitas vezes irracionais, substituindo-as pela observação atenta, foco no real e hiperacuidade, com abordagem hígida e positiva. Nesta linha de raciocínio, os trafores podem ser vistos com interesse até o ponto em que indicam novas possibilidades de manifestação mais madura, ou seja, a identificação de um trafor indica um trafor a ser conquistado. Já os trafores manifestos podem ser experimentados com satisfação e anseio pela sua amplificação, sem constrangimento. Em outras palavras, situações para manifestar os trafores podem ser buscadas deliberadamente, e vivenciadas com aguçamento da autopercepção sobre a satisfação pessoal, fortalecendo a autoconfiança. Segundo Vicenzi (2005), a *abordagem multidimensional traforista* é a solução prática para se lidar com as próprias imaturidades sem sucumbir a elas, mantendo a *saúde do ego*.

DESAFIOS ATUAIS

A motivação das experiências enriquecedoras do autoconhecimento, principalmente quando há um nível de auto-superação, torna a consciência mais aberta a novas experiências. A autopesquisa da tendência à competitividade trouxe para o autor vários desafios evolutivos, tais como:

1. Superar o modelo mental hierárquico e substituir o preconceito pela empatia assistencial nas relações.
2. Colocar mais transparência em todas as manifestações.
3. Sentir as próprias emoções com maior autoconscientização e reflexão sobre suas causas e conseqüências e, se necessário, expressá-las com despojamento.
4. Ter mais espontaneidade, diminuindo os recalamentos e desmanchando as travas impostas pela insegurança.
5. Atualizar as concepções sobre si mesmo a partir da autopercepção mais realista, baseada nos fatos presentes, sem o *nevoeiro* da autocobrança e das expectativas.
6. Exercer o máximo possível os talentos evolutivos, buscando gerar autoconfiança e modificação no autoconceito tráfista, aproveitando as inúmeras chances e facilidades atuais para este exercício dos trafores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa pode ser enriquecida com abordagens complementares, tais como a investigação do papel da genética, do meio, da cultura, da família e de outras variáveis mesológicas na gênese e expressão da competitividade. Pesquisas bem conduzidas têm demonstrado o papel decisivo que os modelos de comportamento representados pelos adultos mais próximos exercem sobre as crianças, podendo definir alguns traços do futuro adulto (PAPALIA, 2000). Sendo assim, importa pesquisar os traços de manifestação em comum com a família nuclear, inclusive no intuito de poder melhor assistir ao grupocarma.

Quanto à genética, uma surpresa positiva tem sido trazida por certas pesquisas atuais, as quais demonstram que, ao contrário do que aponta o darwinismo, a competição entre seres vivos não é a única via de evolução biológica (NOGUEIRA, 2004). Segundo tais pesquisas, a cooperatividade foi o fator fundamental na evolução da espécie humana neste planeta. Isto pode ser um indicativo de que o desenvolvimento consciencial tende a se sobrepor à genética.

Outro ponto a ser elucidado é o fator gênero sexual na manifestação do traço, ou seja, se há diferenças entre a competitividade feminina e masculina, dado que em outros aspectos cognitivos e comportamentais as diferenças já foram bem caracterizadas (KIMURA, S.D.).

Finalmente, no que se refere à competitividade na inversão existencial, o autor está ciente de que as idéias expostas, longe de esgotar o tema, apenas iniciam um debate considerado relevante. Independente do traço em estudo, a autopesquisa auxilia a consciência a compreender como e por que age de certo modo, seja executando a invéxis ou outra técnica evolutiva.

REFERÊNCIAS

01. Almeida, Roberto; *Técnicas de Conexão Mentalsoma-Psicossoma para Aumentar o Acesso à Multidimensionalidade*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 3; N. 9 (Supplement – Proceedings of the Third Consciential Health Meeting); September 2003; páginas 218 e 219.
02. Bazzi, Munir; *Auto-aceitação: Base da Auto-imagem Sadia*; *Anais da III Jornada de Educação Conscientiológica*; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscientiologia; Rio de Janeiro, RJ; 2004; páginas 60 e 63.
03. Bazzi, Munir; *Dinâmica da Criticidade Assistencial*; *Anais do XVI Simpósio do Grinvex – Edição Especial para o Evento*; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscientiologia; Curitiba, PR; 2003; página 13.

04. **Beck**, Judith S.; *Terapia Cognitiva – Teoria e Prática*; 348 p.; alf.; 91 refs.; 4 apênds.; Artes Médicas; Porto Alegre, RS; 1997; páginas 87 a 97.
05. **Branden**, Nathaniel; *Auto-estima e os seus Seis Pilares*; 398 p.; 2 apênds.; 6ª. Ed.; Saraiva; São Paulo, SP; 2000; páginas 26, 32, 41, 63 e 124 a 137.
06. **Kimura**, Doreen; *Diferenças Cerebrais entre os Sexos*; Artigo; *Scientific American Brasil*; Edição Especial N. 4 – Segredos Da Mente; São Paulo, SP; S.D.; páginas 34 a 39.
07. **Nogueira**, Paulo; *Cooperação traz a Evolução*; Reportagem; *Galileu*; Revista; Mensário; N. 159; 18 ilus.; 8 fotos; Rio de Janeiro, RJ; Outubro, 2004; páginas 64 a 69.
08. **Papalia**, Diane E.; **Olds**, Sally W.; *Desenvolvimento Humano*; 684 p.; glos.; alf.; ono.; 28 X 21 X 4 cm; 7ª. Ed.; Artmed; Porto Alegre, RS; 2000; páginas 239 e 240.
09. **Soares**, Fátima; *Dinâmica Interconscencial – O Ego e o Grupo*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 3; N. 9 (Supplement – Proceedings of the Third Consciential Health Meeting); September 2003; páginas 13 e 14.
10. **Valente**, Ivo; *Grupo: Laboratório Consciential para o Auto-enfrentamento*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 3; N. 9 (Supplement – Proceedings of the Third Consciential Health Meeting); September 2003; página 118.
11. **Vicenzi**, Luciano; *Epicentrismo e Parapedagogia*; *Journal of Conscientiology*; Vol. 7; N. 28S (Supplement – Proceedings of the Third Consciential Education Meeting); May 2005; página 235.
12. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 300 testes; 8 índices; 2 tabs.; 600 enus.; 5.116 refs.; glos. 280 termos; 147 abrevs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 X 21,5 X 7 cm; enc.; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994; página 690.
13. **Vieira**, Waldo; *Conscienciograma: Técnica de Avaliação da Consciência Integral*; 344 p.; 100 folhas de avaliação; 2.000 itens; alf.; glos.; Instituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1996; página 118.
14. **Vieira**, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 25 tabs.; 519 enus.; 7.653 refs.; glos. 241 termos; 139 abrevs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 X 21,5 X 7,5 cm; enc.; Centro de Altos Estudos da Conscienciologia; Foz do Iguaçu, PR; 2003; páginas 268 e 418.

